



Somos cristãos, somos um povo que reza e comunga dos sacramentos sagrados, bebemos em fontes de espiritualidade enriquecedoras que contribuem para o aumento da fé .

Então para onde nos conduz a fé que temos?

**MARIA AUXILIADORA FERREIRA**

**PARA ONDE NOS CONDUZ A FÉ QUE TEMOS?**

Trabalho apresentado à PUJ  
(Pontificia Universidad Javeriana –  
Bogotá – Colômbia) para  
conclusão do módulo de  
Espiritualidade Laical do  
Programa de Formação CVX  
Magis IV Latino América 2010-  
2014, feito sob orientação da tutora  
Gilmará Souza Zeule.

Belo Horizonte – Brasil

2013

# Índice

## Introdução

Cap. 1 Ser cristão implica – Seguir Jesus.....	11
Cap. 2 O discernimento de Jesus e o nosso discernimento de cada dia.....	13
Cap. 3 Como cristãos também discernimos sobre as duas Bandeiras: Qual Deus queremos servir?.....	15
Cap. 4 Nossa espiritualidade - Nossa fé – Da meditação das duas bandeiras à contemplação para alcançar o amor.....	16
Cap. 5 Que rosto tem o nosso cristianismo hoje? Será que é o rosto de Jesus Cristo?.....	19
Conclusão .....	24

"Existe una comunión de vida entre todos los que pertenecen a Cristo"  
"Una comunión que nace de la fe"  
"Los primeros cristianos eran llamados los santos"  
"La Iglesia es comunión con Dios, familiaridad con Dios, comunión de amor con Cristo"  
"Estamos íntimamente insertos en esta matriz"  
"El amor de Dios quema nuestros egoísmos, nuestros prejuicios"  
"El amor de Dios quema incluso nuestros pecados"  
"De los hermanos a Dios"  
"La experiencia de la comunión fraterna nos conduce a la comunión con Dios"  
"Nuestra fe necesita el apoyo de los demás, especialmente en los momentos difíciles".  
"La tendencia a encerrarse en lo privado ha influenciado incluso en el ámbito religioso"  
"Todos hemos experimentado dudas en el camino de la fe. También yo"  
"Todos somos frágiles, todos tenemos limitaciones"  
"Confiar en la ayuda de Dios"  
"Encontrar el coraje y la humildad de abrirse a los demás, para pedir que nos echen una mano"  
"Comunión es común unión"  
"En esta comunión, somos una gran familia"  
"La comunión de los santos va más allá de la vida terrena, continúa en la otra vida"  
"Comunión entre cielo y tierra que se realiza especialmente en la oración"  
"Somos hermanos y nos acompañamos en el camino de la vida y nos encontraremos en el cielo"  
"Andemos este camino con alegría. Un cristiano tiene que estar siempre alegre por tener tantos hermanos y hermanas"  
"Adelante por este camino y con alegría"

Papa Francisco.

## Introdução

Somos cristãos por ter optado pelo seguimento de Jesus o Cristo. Em nossa caminhada espiritual vamos aprofundando nosso conhecimento sobre esse Jesus que colaborou para que o plano de salvação de Deus se concretizasse.

Nossa verdade é: somos filhos de Deus e sem ele não sabemos para onde ir e não conseguimos sequer compreender quem somos.

Nesse trabalho busco resgatar aquilo que nos fundamenta como cristãos autênticos. O que proponho nele é quase uma retrospectiva dessa caminhada.

Escrevo sobre a espiritualidade laical, mas, enfatizando também, o desejo de servir que brota a partir de uma espiritualidade que vai amadurecendo em nossa caminhada.

Para isso falo da espiritualidade como fonte para o desenvolvimento humano, partindo do desenvolvimento humano de Jesus. Aquele que habitou em nosso meio e humanamente viveu saboreando a vida como qualquer ser humano, rezando, comendo e discernindo nos momentos de tomar suas decisões e de optar pela bandeira do Reino do Pai.

O que ele nos deixou foi o testemunho de uma vida fiel ao Pai, amou-nos até o fim, doou sua vida para a realização do projeto de Deus em nosso meio. Sua opção é pelos pobres, por aqueles mais fracos, oprimidos pelas leis do mundo.

Nós, como cristãos no mundo, vamos caminhando junto com o Cristo ressuscitado, enraizados nos ensinamentos que ele nos deixou, traçando nossas vidas a partir da sua história e de seu exemplo de fidelidade ao Pai. Nós vamos realizando nossa caminhada ao lado daqueles que precisam de mais apoio, os que vivem à margem da sociedade, muitas vezes colocados por nós mesmo.

Quando reli o trabalho perguntei muitas vezes se parecia mais como sendo um trabalho de eclesiologia ou espiritualidade, e tentei modificar algumas coisas, mas já não conseguia, pois meu desejo era justamente de misturar os dois temas, pelo fato da compreensão que fui adquirido, acreditar que é a espiritualidade que nos fortalece em nossa caminhada na Igreja. A espiritualidade nos convida a conhecer melhor Jesus - o Cristo e a caminhar com ele nesta Igreja.



## Ser cristão implica – Seguir Jesus

Vivemos na América Latina onde a maioria do seu povo é cristão católico e isso implica não só haver sido batizado, más também saber assimilar os valores do evangelho nos quais se acrescentam as suas riquezas humanas, culturais e religiosas deixadas por seus antepassados. No entanto, nos fala Codina () essa caminhada muitas vezes se torna: (...)

(...) “ contradictorio con el ser cristiano, la forma como muchos cristianos de América Latina viven su fe. Por una parte, una minoría rica y poderosa, se llama cristiana y defensora de la tradición occidental y utiliza la fe como instrumento para mantener sus privilegios de grupo social, sometiendo a las mayorías a una situación infrahumana. Por otro lado, grandes masas populares viven su fe cristiana de forma alienante. Para muchos, la fe es sólo una ayuda para resignarse más fácilmente y esperar la compensación del premio en la otra vida. El cristianismo se convierte de hecho en una droga, en anestésico adormecedor.(CODINA 1987, . Pg 2.)

Também no documento de Puebla podemos constatar essa forma de caminhar do povo de Deus, observem:

"Vemos a la luz de la fe, como un escándalo y una contradicción con el ser cristiano, la creciente brecha entre ricos y pobres. El lujo de unos pocos se convierte en insulto contra la miseria de las grandes masas. Esto es contrario al plan del creador y al honor que le debe. En esta angustia y dolor la Iglesia discierne una situación de pecado social, de gravedad tanto mayor por darse en países que se llaman católicos y que tienen capacidad de cambiar (DP 28).

O documento de Puebla (30) diz que nós frente a essa situação, vivendo neste cristianismo alienante e alienado, caminhamos deixando que este modo de ser nos conduza a uma certa comodidade, na qual passamos a enxergar essa situação de pobreza como natural, como fruto das estruturas econômicas, sociais e políticas injustas.

No entanto há outra vertente que se desperta na América latina, Codina () chama de “un despertar cristiano, que ayuda a comprender que el Evangelio no puede servir de excusa para oprimir al pueblo, ni de droga para no intentar cambiar la situación.”

É neste contexto que surge o questionamento tema deste trabalho: O que é ser cristão hoje? E sendo cristão para onde conduz a fé que temos?

Na tentativa de ir encontrando respostas, ou melhor, confirmações que alimentam a fé, brota a certeza de que SER CRISTÃO É SEGUIR A JESUS - CRISTO, “Lo cristiano no es simplemente una doctrina, una ética, un rito o una tradición religiosa, sino que cristiano es todo lo que dice relación con la persona de Jesus Cristo.” (CODINA,1987, pg.3).

Nós somos cristãos, discípulos de Jesus, e como tais o seguimos porque temos um motivo, acreditamos no projeto de vida que ele nos apresentou, optamos por um modo de vida, fundamentado no amor, e é nisso que o reconhecemos, como os apóstolos que (...)

(...)“siguieron a Jesús porque reconocieron que El era el Cordero de Dios que quita el pecado del mundo (Jn 1,29-37), el Mesías, el Cristo (Jn 1,41), Aquél de quien escribieron Moisés en la ley y los profetas (Jn 1,45), el Hijo de Dios, el Rey de Israel (Jn 1,49). “

Seguimos Jesus porque ele nos enxerga, é interessante pensarmos nisso porque este seguimento parte de um convite que ele nos faz. Ele nos chamou primeiro.

Nele encontramos o que buscamos, o homem a quem optamos escutar o chamado nasceu de um povo simples e pobre, talvez por ter vivenciado as dificuldades e pobreza humanas ele nos atrai tanto e talvez seja por isso a facilidade de compreender o que ele diz, tendo em vista que, o que ele fala é direcionado ao coração.

Pagola (2011) quando discorre sobre a história de Jesus, lembra-nos que para entender Jesus não é necessário ter conhecimentos especiais; não é preciso ler livros. Jesus lhe

falará a partir da vida. Todos poderão captar sua mensagem: as mulheres e os homens que voltam para casa depois de um dia de trabalho, os que não trabalham, os ricos, os pobres.

Basta viver intensamente a vida de cada dia e ouvir com o coração simples as ousadas consequências que Jesus dela extrai, e nos apresenta para acolher um Deus Pai.

É por aí que caminha nossa fé, e como Pedro exclamamos: “Senhor a quem iríamos nós? Tu tens palavras de vida eterna. E nós cremos e sabemos que Tú és o Santo de Deus! (Jo 6, 68-69).

Nossa fé consiste:

“en reconocer a Jesús como Señor y seguirle. El Credo es la profesión de fe del que sigue a Cristo. El Credo que se enseñaba a los catecúmenos en el tiempo de preparación al bautismo, no era una simple lección de memoria, sino la contraseña que les identificaba como seguidores de Jesús ante el mundo.” (CODINA,1987,Pg.4)

E como esses seguidores, nós também sabemos que nossa fé se inspira na fé do apóstolo Paulo quando dá seu testemunho no seguimento a Cristo, na Epístola aos Filipenses, dizendo que:

“Mas tudo isso que para mim eram vantagens, considerei perda por Cristo. Na verdade julgo como perda todas as coisas, em comparação com esse bem supremo; o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo.”(EPÍSTOLA AOS FELIPENSES 3,7-9).

Somos cristãos e seguimos Jesus por causa do seu projeto, a missão de anunciar e realizar o reino de Deus, de tornar real o plano de Deus, formar uma grande família de filhos e irmãos, vivendo sustentados no amor.

Seguimos Jesus porque assim ele quis primeiro, ele é quem nos envia. Em sua aparição aos discípulos, depois de ressuscitado, quando entra na sala e proclama: “A paz esteja convosco! Dito isso mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos alegraram-se ao ver o Senhor. Disse-lhes outra vez: A paz esteja convosco! Assim como o Pai me enviou eu também vos envio. Jo. 20,19-21. Nos envia para proclamar o reino de Deus ao mundo, para isso precisamos abdicar, muitas vezes, de nossos próprios desejos e sonhos, pois seguir a Jesus é:



“convertirse al Señor, cambiar la orientación de la vida. Significa escoger la vida en vez de la muerte (Dt 30,19). Significa renunciar al Maligno y su imperio de muerte (Jn 8,44) y adherirse a Cristo. Los primeros cristianos en el catecumenado realizaban una solemne renuncia a Satanás y sus estructuras antes de adherirse a Cristo por el bautismo. Todavía quedan en nuestra liturgia bautismal los vestigios de esta renuncia. Pero todo ello debe hoy profundizarse. Nadie puede servir a dos señores, a Dios y al dinero (Mt 6,24).” (CODINA, 1987 , Pg.4)

Jesus é radical em seu chamado, não podemos servir a dois senhores, precisamos escolher, sabemos da sua preferência pelos mais necessitados, o seu reino é o reino dos pobres e oprimidos.

Ele que nasceu pobre numa família de trabalhadores, sente-se enviado a trabalhar com os pobres, sente-se enviado a anunciar a boa nova a essa gente. Jesus ao longo de sua vida vai discernindo qual a sua missão e qual é a vontade do Pai em sua vida.

Como Jesus, nós leigos, caminhamos no serviço do reino discernindo e bebendo na fonte dos exercícios espirituais de Inácio de Loyola, que nos convida a ir descobrindo a vontade de Deus Pai em nossas vidas, indo caminhando com Jesus e nos reconhecendo em Cristo que vive em cada um de nós.



## Capítulo 2

### O discernimento de Jesus e o nosso discernimento de cada dia.

Codina, em seu livro “Sob o Espírito Silencioso da bandeira de Cristo”, diz que a partir do discernimento e opção de Jesus, seu messianismo manifesta-se como “ diferente” do que muitos esperavam em Israel. Jesus é Jesus de Nazaré, o Galileu, o Nazareno, mas tanto “Nazaré” quanto “Galileu” não são meras conotações geográficas, e sim teológicas, uma opção por uma vida de humanidade e de pobreza, a vida de um camponês de um lugar desconhecido e desprezado pelos grandes daquele mundo: “ De Nazaré pode sair algo bom? (Jo 1,46). É o que Paulo chamava de Kénosis ( Fl 2,8) Loucura e sabedoria de Deus diante da sabedoria mundana (1Cor 1,17- 31).

De acordo com Codina ( ) podemos conhecer melhor o sentido do discernimento de Jesus entre estas duas lógicas ou estilos messiânicos se percorrermos algumas passagens evangélicas, já que o discernimento de Jesus no deserto marcará e determinará toda sua vida.

Esses textos apresentados por esse autor, também nos ajudará em nosso discernimento no seguimento de Jesus, e na escuta da vontade de Deus em nossa vida. Eles falam do testemunho de Jesus a partir do momento em que ele opta pela sua missão. Também falam do que se deve fazer para merecer o reino, quem quiser ser o maior deve ser o menor, o maior deve ser aquele que serve e Jesus diz que ele está em nosso meio como aquele que serve. A cena do lava pés exemplifica a atitude de Jesus e aponta o que devemos fazer.

Nossa missão é ser servidor, assim como Jesus temos de anunciar aos pobres a boa nova e como cristãos onde quer que estejamos, temos de lançar o nosso olhar sobre aqueles que vivem à margem da sociedade, temos de ser proclamadores dos direitos de todos, temos de ser justos! E como Jesus exercermos nossa missão com autoridade,

acreditando naquilo que proclamamos, sendo fiéis ao que Cristo nos deixou e como ele ser fiel à bandeira do Pai.

Sobre a bandeira de Jesus, Codina ( ) diz que é o estilo particular de Jesus de Nazaré, um estilo Galileu, Nazareno, ele diz que:

“ O filho não só se encarna, como sempre se afirma de modo muito genérico, mas que se encarna na carne nazarena de Maria de Nazaré, vive um estilo nazareno, na Galiléia, região desprezada; Jesus não só se faz homem, mas se faz pobre. Esta opção de Jesus ainda passa pela morte na cruz, produz vida, “a vida verdadeira “ em expressão inaciana. Esta vida está ligada a Galiléia, entendida não no sentido geográfico, mas teológico e espiritual, isto é , evangelicamente. É a bandeira de Jesus.” (CODINA, , Pg. 13)

A opção de seguir a Jesus passa pela opção de ser alegre na tristeza, ser feliz sendo pobre com os pobres, e nos momentos de dor e sofrimento continuar seguindo. Firmes na fé e na esperança, sempre avançando, com os olhos fixos no Cristo.



### Capitulo 3

#### Como cristãos também discernimos sobre as duas Bandeiras:

#### Qual Deus queremos servir?

De acordo com Codina ( ) a meditação das duas bandeiras é um convite a descobrir o verdadeiro rosto de Deus. Um Deus “diferente”, o rosto trinitário do Deus da vida que nos é revelado em Jesus de Nazaré, e a não nos deixar na ilusão nem no engano com falsos ídolos de morte, das riquezas deste mundo. Por isso, o enfoque das duas bandeiras, como já disse acima, não é simplesmente moral, mas teologal e teológico, e o cerne do nosso discernimento será: A QUE DEUS QUEREMOS SERVIR?

Assim vamos percebendo onde, como e quando Deus nos quer. Deus nos convida e oferta o serviço que nos aproxima dos pobres, os pequenos, os insignificantes, presentes não só no terceiro mundo, mas também na chamada sociedade do primeiro mundo. O pai quis “revelar os mistérios do Reino aos pobres” (Lc 10,21).

Ser cristão hoje supõe uma mudança de atitude, não podemos alimentar nossa fé, nos fazendo de cegos frente à injustiça social. Uma mudança de atitude supõe uma conversão tanto de coração quanto de mentalidade sobre a práxis do cristão.

É preciso uma conversão no nosso modo de acreditar em Deus, não cremos porque ele me dá isso ou aquilo, nossa relação com Deus precisa ser de amor verdadeiro, de amor Ágape. Nossa caminhada cristã é processual, nossa relação com Deus vai amadurecendo aos poucos, vamos

conhecendo a Deus a partir do momento em que abrimos nosso coração a ele e, com muita fé, deixamos que ele invada nossas vidas e instaure em nós os desejos dele.

Nossa fé precisa ser como a fé de uma criancinha em seus pais, precisamos nos entregar a Deus como criancinhas sedentas de afetos.

CARVAJAL (2005) escreve um capítulo sobre “Deus não criou a dor”, que pode nos ajudar a refletir sobre esse questionamento. Ele diz que, por uma ideia profundamente arraigada no inconsciente coletivo, com toda a facilidade atribuímos a Deus, qualquer desgraça que atinja o homem.

Acreditar em um Deus que parece ser a favor do sofrimento acaba criando uma mentalidade que irá, mais cedo ou mais tarde, levar Deus pro banco dos réus, pois o acreditar em Deus que aprova o sofrimento humano é crer que Ele nos olha de longe, e por estar longe parece não querer contato conosco, e muito menos transparece afeto, parece um Deus alheio a nossa humanidade.

Ele ainda cita como exemplo algo que ilustra o comentário acima: Um diálogo entre dois irmãos - Ivan Karamazov e Alioscha (do livro *A peste*), o qual diz: “Se a dor das crianças está destinada a completar essa soma de dor que é indispensável para comprar a harmonia eterna, não é que eu não aceite a Deus, mas lhe devolvo meu bilhete com o maior respeito, recusarei até à morte essa criação em que as crianças são torturadas”.

É como se ele dissesse, se Deus não faz nada diante do sofrimento humano de uma criança, recuso fazer parte desta criação. Muitos de nós também agimos assim, acreditando num Deus que barganha a vida com todos.

Que tipo de fé nos leva à crença em um Deus distante?

Na meditação das duas bandeiras, Inácio de Loyola, quer que o exercitante não confunda o Deus verdadeiramente bíblico com um falso ídolo mundano. De acordo com Codina ( ) o objetivo inaciano desta meditação não é perguntar a quem faz os exercícios se vai optar por Jesus ou satanás; como às vezes pode parecer numa primeira impressão ao se ler o texto das duas bandeiras: a de Cristo e a de Lúcifer. A intenção inaciana é outra, mais sutil e profunda: é ajudar ao exercitante a um discernimento.

“Nesta meditação Inácio não pretende exortar o exercitante simplesmente a que seja forte na luta, que resista e não sucumba diante das tentações claras que o inimigo lhe oferece (...) o que Inácio quer é algo prévio à eleição: evitar enganos, para que não aconteça seja que o exercitante, acreditando que opta pela bandeira de Jesus, opte de fato pela contrária. Inácio não quer que se

confunda o reino de Jesus com o poder, o prestígio e a riqueza mundana, mas que se capte o essencial da bandeira de Jesus.” ( CODINA ,Pg.8)

De acordo com Codina ( ), o que parece ser teológico e historicamente certo, de Jesus quando sofre as tentações no deserto, é afirmar que ele, depois do batismo, de algum modo teve que refletir e discernir sobre sua missão em sua vida pública. Deste ponto de vista as tentações não são de ordem moral, mas opções teológicas, um momento de discernimento, em oração, em solidão, diante do Pai que o proclamou como Filho, sob o impulso do Espírito. Aí confirmamos que não se trata de uma prova de superação, mas trata-se de um projeto a discernir. É um autêntico discernimento espiritual em face de uma lição messiânica. Pagola (2007) diz que:

“as tentações não são de ordem moral. Seu verdadeiro transfundo é mais profundo: a crise coloca à prova sua atitude frente a Deus: Como ele vai viver sua tarefa? Procurando seu próprio interesse ou escutando finalmente sua palavra? Como agir ? Dominando aos demais ou colocando-se a seu serviço? Procurando sua própria glória ou a vontade de Deus?” ( PAGOLA 2007,p. 312)

Então o que seria as tentações? Já que aconteceram e ainda acontecem, para que servem as tentações?

“As tentações são, pois, a expressão de oferta de dois messianismos possíveis, dois projetos, duas lógicas. De um lado está a lógica da autossuficiência, da segurança, de uma racionalidade sem mistérios, triunfalista, evitando conflitos com o poder político e religioso, alheia ao sofrimento do povo, em linha dos profetas cortesãos do antigo testamento que profetizavam o que satisfaziam ao rei, uma lógica que supõe adaptação ao sistema, ser servido antes que servir.”

Nós como cristão que somos sabemos disso, muitas vezes passamos por essas tentações, às vezes, pois a vida é assim, vivemos em um sistema que impõe um estilo de vida que vai ao encontro daquele escolhido e proposto por Jesus. Estamos entre os dois estilos de vida.

“Do outro lado, aparece uma lógica da solidariedade, da margem e da periferia da sociedade política e religiosa, do povo, de baixo, vivendo aflição e a confiança no Pai, em gratuidade, num estilo de simplicidade e pobreza alternativo ao sistema, optando por servir antes de ser servido, uma lógica de inclusão e de vulnerabilidade ante o sofrimento do povo, na linha dos servos de YHWH e dos grandes profetas de Israel.”  
(CODINA , ,P.10)

A escolha de Jesus é clara, é pela lógica da solidariedade, ele se opõe às tentações do poder e do prestígio, opta por ser obediente à palavra de Deus que apresenta outra ótica, na linha profética da pobreza e da humildade. Uma opção que é fruto da experiência batismal de sentir-se filho sob o poder vivificador do espírito do Pai que o levará a agir sob seu impulso.

Nós também vamos caminhando com Jesus, temos o seu testemunho e vida que nos ajudam a ir percebendo - onde, como e quando Deus nos quer. Deus nos convida e oferta o serviço que nos aproxima dos pobres, os pequenos, os insignificantes, presentes não só no terceiro mundo, pois o Reino está no mundo.



## Capítulo 4

### Nossa espiritualidade - Nossa fé –

#### Da meditação das duas bandeiras à contemplação para alcançar o amor

Para darmos este grande passo na espiritualidade inaciana, precisamos percorrer um longo caminho, até alcançar a graça de ordenar os afetos e desejos. O primeiro passo é o desejo. O que desejamos pra nossa vida? Que tipo de relação queremos desenvolver com Deus?

Peço a Deus nosso Pai e Senhor que nos conceda a graça de alcançar o que desejamos. Santo Inácio diz “pedir o que quero e desejo”. E o pedir não deixa de ser uma forma curiosa. Temos de pedir aquilo que queremos e desejamos, pois isso significa que o que queremos e o que desejamos é sempre mais do que podemos conseguir com nossas próprias forças. Com esse pensamento caminhamos em direção a uma espiritualidade de fato que nos leve a, (...)

(...)“ uma sabedoria que, muitas vezes, vai contra todas as aparências, até contra as evidências; é acreditar numa sabedoria que não vem de nós mesmos não é fabricada no interior de cada um de nós, mas é uma certeza que podemos ter à medida que temos a certeza em Jesus Cristo.” ( VÁZQUEZ 2005, p.12).

Nos leva a uma espiritualidade cheia de desejos a exercer nossa missão com alegria, alegria esta que brota em nosso coração quando nossa intimidade com Deus vai aumentando. Precisamos ter



mais intimidade com Deus para mais amá-lo e mais servi-lo. Uma espiritualidade solidária na qual,

(...)“quiere vivir según El espíritu de Jesús y por esto mismo se inserta em El mundo de los pobres, escucha su clamor, se solidariza com SUS sufrimientos y aspiraciones, encuentra AL Señor en El pobre y vive La experiencia espiritual de La contemplación em La acción libertadora.” (CODINA ( ) P.21)

A espiritualidade verdadeira vai nos conduzindo, com a graça da efusão do Espírito Santo em nós, que é o espírito de Jesus Cristo em nosso coração, e nos ensinando a amar de verdade.

Dom Luciano, que gostava de repetir a frase que São Paulo atribui ao Senhor Jesus que diz: “há mais alegria em dar do que em receber” (At 20,35), “afinal de contas o que vale nesta vida? O que pode nos dar paz e alegria?”.

Como cristãos precisamos ficar atentos ao que nos acontece em nosso cotidiano, atitudes como: o egoísmo e o fechamento em nós mesmos, que não nos faz felizes. Na caminhada espiritual vamos contemplando o amor, e como nos sugere Inácio a sermos contemplativos na ação implicará abrir-nos ao outro, em sair de nós mesmos, passando pela vivência da estima, do respeito e do amor ao próximo.

Dom Luciano dá a impressão de que a alegria e a doação aos outros são coisas simples, ao alcance de toda pessoa de bom senso, mas ele sabia que não é assim, e nós também sabemos disso.

Outro também que produz a mesma impressão é irmão Roger Schutz<sup>1</sup>, que escreveu uma carta antes de morrer que dizia: “o que torna feliz uma existência é caminhar para a simplicidade, para a paz profunda: “Felizes os corações simples, porque deles é o reino do céu”. Para que uma vida seja bela, não é indispensável ter qualidades extraordinárias ou grandes recursos. Tu encontrarás felicidade na humilde doação de ti mesmo.”<sup>2</sup>

No entanto, diante das atitudes desses santos homens houve uma atitude de renúncia e abnegação de si mesmos em prol dos outros. Não é fácil alcançar esse grau de humildade, mas se desejarmos, certamente vamos alcançando essa graça. É uma batalha que travamos conosco

---

<sup>1</sup> Taizé

<sup>2</sup> Ver. Itaici 62,p.25

mesmos, uma batalha que afeta todas as dimensões humanas. É possível alcançar porque é graça de Deus em nossa vida.

A sensação é de que estamos sempre em eleição, de sermos contemplativos na ação a partir do amor, para alcançar o amor. A contemplação para alcançar o amor “é a ponte que une os exercitantes à vida”. (CODINA,p.44) .

Ao sermos convidados para ser contemplativos no amor, vamos desenvolvendo uma relação com Deus nosso Pai e Senhor de afeto, e como toda boa relação deveria ser, desenvolvemos uma relação onde eu afeto e sou afetada pelo outro, um amor que precisa (...)

(...)“ser colocado mais em ações que em palavras (EE 230) e que o amor é comunicação entre duas partes (EE 231), expressa no fundo a essência própria do espírito que é, para a tradição ocidental agostiniana, a comunicação e o amor entre o Pai e o Filho, que nos é comunicado pelo Espírito (Rm 5.5).” (CODINA,p.44)

Na caminhada inaciana vamos com Jesus Cristo que é o próprio Espírito Santo, aquele que preparou seus caminhos e que foi derramado na páscoa. Para Inácio, o Espírito é o Espírito de Jesus, e a mediação de Cristo sempre é necessária, pois é o caminho para acessar a trindade.



Que rosto tem o nosso cristianismo hoje?

É o rosto de Jesus Cristo?

Pagola (2007) chama Jesus de poeta da compaixão. Ele fala que Jesus não explicou diretamente sua experiência do reino de Deus, segundo ele, Jesus recorreu à linguagem dos poetas, com uma criatividade inesgotável, inventava imagens, concebia metáforas, sugeria comparações e, sobretudo, narrava com maestria parábolas que cativavam as pessoas.

Sua linguagem era inconfundível, comunicava o que vivia. Suas palavras transfiguravam-se ao falar de Deus - “Deus é bom; sua bondade tudo enche; sua misericórdia já está irrompendo na vida”<sup>i</sup>.

O convite de Jesus é para termos confiança no Deus Pai, e toda a sua vida aqui na terra dá testemunho deste Deus que é Pai,

“Olhai os corvos; não semeiam nem colhem, não tem dispensa nem celeiro, e Deus os alimenta! Quanto mais valeis vós do que os pássaros! Olhai os lírios como crescem, não trabalham , nem fiam . Mas eu vos digo que nem Salomão, em toda sua glória, vestiu-se como um deles. Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, quanto mais a vós, homens e mulheres de pouca fé.” (Mat.6 26,28,30 // Lc. 12,24,27,28)

O Deus Pai que Jesus apresenta é cuidadoso e amoroso - “Jesus capta a ternura de Deus até no mais frágil.”<sup>ii</sup> E ele afirmava isso onde quer que passasse, Deus é bom e não precisava de muitos argumentos para intuí-lo. Ele pregava dizendo que Deus está chegando, mas não como um Deus

dos justos e sim um Deus dos que sofrem, “O profeta do Reino de Deus não tem dúvida: o que preocupava a Deus era o sofrimento dos mais desgraçados; o que o movia a agir no meio do seu povo era seu amor compassivo; o Deus que quer reinar entre os homens e as mulheres é um Deus que cura.” (PAGOLA 2007, p.191). Jesus nos apresenta um Deus cuja lei maior é o amor, algo novo Jesus traz ao dizer do Pai como alguém que ama e que utiliza o amor para relativizar, pois para Deus Pai “se um preceito não é deduzido do amor ou vai contra o amor, torna-se vazio de sentido; não serve para construir a vida como Deus quer.” (PAGOLA 2007, p.306)

Nesse ponto está o pilar do nosso agir como cristão, o maior mandamento “amar a Deus e ao próximo como a ti mesmo”, eis o recado de Jesus, no entanto (...)

(...)“Jesus não confunde o amor a Deus e o amor ao próximo, como se fossem uma mesma coisa. O amor a Deus não pode ficar reduzido a amar o próximo, nem o amor ao próximo significa que já seja, em si mesmo, amor a Deus. Para Jesus, o amor a Deus tem uma primazia absoluta e não pode ser substituída por nada. É o primeiro mandamento. Não se dissolve na solidariedade humana. A primeira coisa é amar a Deus: buscar sua vontade, entrar no seu reino, confiar em seu perdão. A oração dirige-se a Deus, não ao próximo; o reino é esperado de Deus, não dos irmãos.” (PAGOLA 2007,p.307).

Pagola (2007) ainda continua dizendo que, por outro lado, o próximo não é um meio ou uma ocasião para praticar o amor de Deus, Jesus não está pensando em transformar o amor ao próximo numa espécie de amor indireto a Deus. Ele ama e ajuda as pessoas porque sofrem e precisam de ajuda.

Jesus é concreto e realista; é preciso dar um copo de água ao sedento porque ele tem sede; é preciso dar de comer ao faminto para que ele não morra; é preciso vestir o nu para que se proteja do frio. Aí está a nossa regra de ouro: tratai aos outros como quereis que eles vos tratem.

O serviço do cristão é amar o outro como a ti mesmo, amá-lo como desejamos que o outro nos ame. Quando Jesus nos chama, o faz de maneira clara e concreta, para servir no Reino precisamos simplesmente viver o amor ao irmão em qualquer situação, “só se vive como filho e filha de Deus vivendo de maneira fraterna com todos.”<sup>iii</sup>

---

<sup>i</sup> PAGOLA (2007,p.145)

---

<sup>ii</sup> PAGOLA (2007,p.146)

<sup>iiii</sup> PAGOLA (2007,P.309)



## Conclusão

O amor é a força extraordinária que leva as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz. É força que tem a sua origem em Deus, nossa verdade absoluta. Em nossa caminhada cristã cada um de nós encontra o bem próprio, aderindo ao projeto que Deus tem para cada um de nós, onde encontramos a verdade sobre nós mesmos.

Encontrando a verdade sobre nós em Deus, constatamos nossa filiação neste Pai que nos ama incondicionalmente, que nos cria e recria todos os dias da nossa vida, que nos dá a graça de sermos fiéis a seu seguimento, tendo como incentivo maior Jesus Cristo que purifica e nos liberta das nossas carências humanas em busca do amor e da verdade e desvenda-nos, em plenitude, a iniciativa de amor e o projeto de vida verdadeira que Deus preparou para nós.

A proposta de Jesus sobre o servir no mundo é um convite à propagação do Reino de Deus no mundo inteiro. Um desenvolvimento que não desconsidera a humanidade, um desenvolvimento que favorece a paz, a justiça, a igualdade e a fraternidade.

Somos de Deus, vivemos num mundo criado por Deus, governado por mãos humanas. Justo ou não, caridoso ou não estamos nesse mundo e como cristãos somos convidados a cooperar para a construção de um mundo melhor, essa é a nossa missão.

---

Bibliografia:

1. CODINA.sj. Vitor. Ser Cristiano em América latina , ... 1987. 3º Ed.
2. ----- . Sob o Espírito Silencioso da Bandeira de Cristo.
3. Pagola, J.A. Jesus Aproximação Histórica. Petrópolis: vozes 2010
4. CARVAJAL. Luiz González. Nossa Fé. São Paulo. Ed. Loyola
5. VÁZQUEZ. Ulpiano Sj. A Contemplação Para Alcançar Amor. São Paulo
6. QUEVEDO Luiz Gonzáles sj. A mística da Alegria ou a Alegria dos Místicos. ITAICI. Revista. De espiritualidade. São Paulo dez. 2005 .
7. Documento de Santo Domingo, de 1992 V Centenário da Evangelização da América.